



Kuntanawa do Alto Rio Tejo – Aldeia Sete Estrelas

Nova cartografia social da Amazônia

31

Kuntanawa do Alto Rio Tejo

Alto Juruá

Acre



KUNTANAWA DO ALTO RIO TEJO ALTO JURUÁ, ACRE

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos
FASCÍCULO 31 – Kuntanawa do Alto Rio Tejo – Alto Juruá, Acre
ISBN: 978-85-7883-072-4

Coordenação do PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(NCSA-CESTU/UEA,PPGAS/UFAM/CNPq)

Equipe de pesquisa

Terri Valle de Aquino CPI-ACRE
Mariana Ciavatta Pantoja - UFAC

Fotografia

Mariana Ciavatta Pantoja
Txai Terri Aquino
José Flávio Haru Xinã
Elizani de Alves
Antonio Barbosa de Melo

Mapa

José Frankneile de Melo Silva
Setor de Geoprocessamento Comissão Pró-Índio do Acre – CPI/AC

Edição

Mariana Ciavatta Pantoja
Terri Valle de Aquino

Projeto gráfico e editoração

Design Casa 8 www.designcasa8.com.br

CONTATO

Haru Kuntanawa: irapuru@ig.com.br
Iraldo Kuntanawa: jkontanawa@hotmail.com
Osmildo Kuntanawa: kontanawaosmildo@hotmail.com



Participantes Kuntanawa na Oficina do PNCSA realizada em outubro de 2008, na aldeia Sete Estrelas, no Alto Rio Tejo

Milton Gomes da Conceição, seu Milton, cacique Kuntanawa, Maria Feitosa do Nascimento Leitão, dona Mariana, matriarca Kuntanawa, Osmildo Silva da Conceição, agente agroflorestal indígena Kuntanawa, Damião do Nascimento Leitão Kuntanawa, Pedro da Silva da Conceição Kuntanawa, Maria de Lurdes Silva da Conceição Kuntanawa, José Iraldo do Nascimento Kuntanawa, Francisco Róbson Pinheiro Nascimento Kuntanawa, Jucimar Nogueira Leitão Kuntanawa, Maria Gracilene Rodrigues Pinheiro Kuntanawa, Raimundo Nonato Nobre da Silva Kuntanawa, Maria Eva Bandeira da Silva Kuntanawa, Charles Bandeira da Silva Kuntanawa, Carlene da Conceição Lima Kuntanawa, Maria Lisaneete N. Leitão Kuntanawa, José Osmildo do Nascimento Kuntanawa, José Amiraldo do Nascimento Kuntanawa, Romário Nogueira Leitão Kuntanawa, Marlene Silva Kuntanawa, Adriano Silva Kuntanawa, Antônio Alisson Silva Lima Kuntanawa, Elibmarque Andrade Kuntanawa, Maria Ilde Silva da Cunha Kuntanawa, Maria Leci Barroso Moreira Kuntanawa, Rosilda Virgílio Kuntanawa, Giliarde Silva Kuntanawa, Karina Batista da Silva Kuntanawa, José Mauro Nogueira de Queiroz Kuntanawa, Edir Carlos Conceição Lima Kuntanawa, Raquel Silva Kuntanawa, Esaú Silva da Conceição Kuntanawa, Antonia Silva Kuntanawa, Elias Andrade da Conceição Kuntanawa, Enoque Andrade Kuntanawa, Edemarque Andrade Kuntanawa, Daniela Kuntanawa, Francisca Kuntanawa, Daiane Kuntanawa, Gleisse Silva Kuntanawa

N935 Nova cartografia social da Amazônia: Kuntanawa do Alto Rio Tejo Alto Juruá, Acre / Alfredo Wagner Berno de Almeida (Coord) ; autores, Terri Valle de Aquino, Mariana Ciavatta Pantoja Franco. – Rio Branco, Acre : Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2009.
12 p. : il. ; 25 cm. – (Movimentos Sociais Identidade Coletiva e Conflitos ; 31).
ISBN: 978-85-7883-072-4

1. Comunidade Indígena – Acre. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Aquino, Terri Valle de. III. Franco, Mariana Ciavatta Pantoja. IV. Série.

CDU 301.185.2(811.2=98)

Catálogo na fonte elaborada pela bibliotecária Rosenira Izabel de Oliveira CRB 11/529

Histórias do tempo das correrias

Pois bem, quando foi um dia o pai da minha mãe chegou na aldeia do irmão dele. Quando chegou lá, falou pra ele que os brancos, os cariús como se diz, ia fazer correria no nosso pessoal, que era Kuntanawa, porque outros índios [outra etnia] tinham roubado os cariús e tinham passado no terreiro do kupixawa dele. Meu avô foi atrás desses ditos índios. Quando foi assim com uns cinco dias, chegou um irmão da minha mãe e trouxe um terçado pra ela, que tinha tomado dos outros índios que ele tinha perseguido junto com meu avô. Aí ela disse que ficou muito satisfeita com o terçado.



MARIANA PANTOJA

Dona Mariana, matriarca dos Kuntanawa, em casa, descansando na rede com seu “Lôro”

Aí quando foi um dia, eles foram para o mato: ela, o cunhado dela e a irmã dela. Quando chegaram muito longe, acharam um tatu num buraco. Aí o cunhado dela disse assim: – “Eu vou matar esse tatu”. Ela disse: – “Vamos embora, olha os cariús. Os cariús estão atrás de nós”. O cunhado dela respondeu: – “Não, mas eles não vêm pra cá, não. Eles não sabem que nós estamos pra banda de cá”. Enquanto ele cavava no buraco do tatu, minha mãe tirou uma palha de aricuri, colocou no chão e deitou-se em cima. E a mulher dele assim sentada, que era irmã da minha mãe. Quando escutaram um barulho, avoou um bicho e sentou mais na frente. Era um jacu. O cunhado dela disse: – “Vou já matar esse jacu”. Ela disse assim: – “Tu não atira, olha os cariús. Se eles escutarem o tiro vem atrás de nós”. Aí ele disse: – “Vou experimentar meu rifle, pra ver se tá bom ainda”. Atirou e o jacu caiu. A irmã dela foi e pegou o jacu. Quando estava pelando o jacu, ela escutou quebrar. Virou-se, espiou e viu, eram os cariús!

Gritou pra irmã, que era minha mãe que estava deitada, pequena ainda. Gritou – “Tipin utxi!” No que ela se levantou e espiou os cariús já estavam atirando com rifle. Pá! Pá! Pá! O cunhado dela caiu logo morto de bala. Elas correram pela mata e os cariús atrás delas. Um rapaz cariú por nome de Raimundo Pereira da Silva pegou minha mãe. E o Chico Curumim, pai do Sueiro, que era Kaxinawá, pegou a minha tia. Aí trouxeram. Andaram muito e, quando anoiteceu, foram se acampar cedo. Cortaram um bocado de palha e colocaram no chão. E um deles trazia uma rede e armou de um pau para o outro e botaram elas duas dentro. Quando acabar se deitaram debaixo da rede delas, que era pra elas não fugir.

Quando foi a noite, minha mãe me disse que estava acordada, ela era menina, aí se levantou bem devagarzinho, passou por cima de todos os homens. A boca da noite, ela viu a donde eles tinham botado as armas e as caixas de bala. Ela pegou o terçado dela, uma caixa de bala e ia se embora. Quando chegou mais na frente, lembrou-se da irmã dela que tinha ficado dormindo na rede. Ela pensou: – “Não, antes vou buscar a minha irmã, senão eles vão matar ela!”. Ela volta e foi chamar a irmã. Botou a mão na boca dela. Aí ela se acordou e foram. Quando foi passar pelo derradeiro cariú, a irmã dela pisou em cima dele. Ele gritou, todos se acordaram e agarraram elas. Ficaram conversando e não dormiram mais. Levantaram e passaram o resto da madrugada acordados.

Quando foi de manhã, saíram e vieram se embora. De tarde chegaram no barracão do patrão. Minha mãe ainda viveu dois anos na casa desse patrão, o velho Cajazeira, e a mulher dele chamada Maroca. Depois de dois anos, quando já estava mansa, o patrão entregou minha mãe para o cariú que tinha pegado ela na correria. **Maria Feitosa do Nascimento, a dona Mariana, 80 anos (filha de uma índia Kuntanawa capturada em correria no alto rio Envira nos primeiros anos do século XX)**

Nasci aqui nas águas do Tejo. Quando foi com dois anos minha mãe me levou para o Jordão. Vivi muito tempo lá no rio Jordão. Por lá passei minha infância e me casei. Quando me casei com meu primeiro marido, morei com ele cinco anos. Depois de separada dele me juntei com esse Milton, que hoje é meu marido. Com meu velho Milton constitui família e estou com ele até na idade que estou. Mas foi só depois que minha mãe morreu é que vim pra perto do meu pai. Tinha 23 anos quando vim de volta para o Tejo. Naquele tempo, meu pai morava ali no seringal São Francisco. **Maria Feitosa do Nascimento, a dona Mariana, 80 anos, matriarca Kuntanawa da aldeia Sete Estrelas, no Alto Rio Tejo**

Meu pai foi pego numa correria feita no igarapé Xinane [afluente da margem esquerda do alto rio Envira]. Ele foi pego pelos cearenses. A pessoa que criou ele foi um velho por nome Tibúrcio. Por acaso, como diz a história, e pelo que minha sogra Regina contava, ela dizia que talvez meu pai tivesse uns oito anos, quando os cearenses raptaram ele numa correria. Ele era Neanawa, do povo do Jacamim. Mataram seus parentes e ele foi criado no mundo dos seringais. Nasci e cresci nos seringais do rio Jordão e do rio Tejo [tributário da margem direita do alto rio Juruá]. E foi indo e foi indo, até que me encontrei com essa mulher, que é da família do kunta (cocão), e a gente se enamorou e depois se casamos. De lá pra cá, a gente veio começando a nossa vida, construindo nossa família grande. Mariana já tinha três filhos quando me juntei com ela. E com ela tenho sete filhos. Quer dizer, que nós já criamos dez filhos. E desses dez estamos já com quase 100 netos, fora os bisnetos que ainda temos. Hoje, a população Kuntanawa e Neanawa juntas é de 320 pessoas. Mas apenas 120 moram na área delimitada agora pelo nosso povo. **Milton Gomes da Conceição, o seu Milton, 73 anos, cacique Kuntanawa, filho de um índio Neanawa capturado ainda criança em correria realizada no igarapé Xinane, no alto rio Envira**

O txai Macedo [sertanista da Funai que foi coordenador regional do Conselho Nacional dos Seringueiros, em Cruzeiro do Sul/AC], quando chegou na nossa casa ali na Restauração, já chegou falando no idioma indígena para nós. Mariana deve ter entendido as palavras dele, que era do idioma Kaxinawá, mas eu não entendi nada. Como já falei, minha sogra Regina me ensinava e aí comecei a aprender, mas os brancos faziam mangofa, “que negócio é esse de cortar gíria pra gente?”. Porque ela me ensinava assim: – “Milton, jabuti a gente chama shawe e quatipuru a gente chama kapa”. E assim ia me ensinando os nomes dos bichos. Alguns desses nomes ficaram na minha memória, outros me esqueci. Não me lembro mais.

Pois bem, essa nossa grande amizade com o txai Macedo tem muito a ver com a nossa cara de índio, mesmo quando a gente ainda não se assumia como índio. Com seu jeito alegre e falador, txai Macedo sempre nos incentivou a se assumir como índios, embora naquela época a gente estivesse mais preocupado em criar a

Reserva Extrativista do Alto Juruá. A primeira vez que ele andou na nossa casa foi em 1988, mas nós só fomos se assumir como índios em 2001. Hoje, somos os únicos sobreviventes Kuntanawa [povo do Cocão] e Neanawa [povo do Jacamim], que foram massacrados pelas correrias organizadas pelos patrões dos seringais dos altos rios Envira, Tarauacá, Jordão e Tejo. **Milton Gomes da Conceição, 73 anos, cacique da TI Kuntanawa**

TXAI TERRI AQUINO



O casal dona Mariana e seu Milton, juntos há mais de 50 anos

Assumindo a etnicidade Kuntanawa

Olhe, vou explicar qual é o motivo porque nós estamos querendo tirar uma área indígena dentro da Reserva Extrativista do Alto Juruá. Primeiro, porque índios nós somos. Nós nunca procuramos nossos direitos porque a gente criou uma Reserva com tanto espinho esperando que não fosse haver devastação, como está havendo agora dentro da própria Reserva. A gente criou a Reserva para preservar a floresta, os rios, as nascentes das águas, as caças, os peixes, as madeiras de lei. Pra preservar tantas outras coisas da natureza. E a finalidade que eu vejo hoje, além de querer escravizar nós de novo, estou vendo uma grande devastação das matas. Estão surgindo muitas fazendas e a Vila Restauração está crescendo muito, hoje com pouco mais de 130 casas, uma pista de pouso está sendo construída nessa vila da Reserva. Estão acontecendo muitas caçadas com cachorro nas matas da Reserva, para vender carne de caça nessa vila. Tá havendo também muita exploração de madeiras de lei na Reserva para a construção de casas financiadas pelo crédito moradia do INCRA.

Outro motivo foi porque minhas netas estudam na escola da vila Restauração e uma delas um dia chegou chorando na minha casa. Eu fui lá com ela e perguntei: – “Minha filha, por que é que você tá chorando?”. Ela me disse: – “Não é nada, não!”. Aí eu falei: – “Nada não? Você nunca chegou chorando assim em casa. Alguma coisa aconteceu!”. Ela foi e me falou: – “A minha professora disse que os brancos deviam ter acabado com todos esses índios, ter logo matado tudo,



Seu Milton, cacique Kuntanawa, durante a oficina de cartografia, em outubro de 2008, da qual participou ativamente



Marlene, neta de seu Milton e dona Mariana: jovem, mulher e índia

TXAI TERRI AQUINO

OCUPAÇÕES KUNTANAWA

Número	Casas
1	Casa do Osmildo
2	Casa do seu Milton (Aldeia Sete Estrelas) 5 casas: Seu Milton, Sidoca, José Rivelino, Lurdes, Iraldo
3	Casa do Ivo / Nirlene
4	José Osmildo e Elizanete
5	Antonio Zico / Ideone e outras 9 casas: Edcarlos, Carlene, Raimundo Ferreira da Costa, Robson Pinheiro Nascimento, Ademar Vieira Nascimento, Orsete, Charles, Osterno, Maria Genoca
6	Casa de Altevir Pinheiro e Elionora
7	Manoel Cavalcante Ribeiro e Lindalva
8	Damião Nascimento e Francisca Nogueira
9	Casa de Carla Fontenele e Rubeval
10	Casa de Raimunda Vieira e Francisco Araújo
11	José Teixeira e Raimunda Virgílio Nascimento
12	José Amiraldo do Nascimento
13	Mildo Pinheiro da Silva e Lucia Nascimento
14	Francisco Luna 5 Casas: Francisco Luna, Leca (genro de Fco Luna) e Lúcia, Antonio Luna e Marinez, José de Luna e Marilene, Evaldo Teixeira e Sandra de Oliveira
15	Casa do Tobias Borges e Antônia
16	Casa do Carlos Borges e Dulcinéia
17	Caso do Raimundo do Francisquinho

CAMPINAS DO TEJO E DO MACHADINHO

Campina do Tejo: é um tipo de vegetação diferente, onde a mata é baixa e periodicamente alagada no tempo das chuvas de inverno. As árvores mais altas ali encontradas são, especialmente, mulateiro, taxi, ingá e buriti. Essa vegetação baixa é formada ainda por diversos tipos de cipós, como o esperaí, unha de gato e malícia. Também tem muita canção, um tipo de urtiga com espinho que queima a gente, tiririca que é uma espécie de capim navalha que corta a gente, soroca e muito capim nativo. Só quem mora nas campinas são: jacaré, cobra grande sucurí, jabuti, capivara e pacas no verão. Aves de penas mais comuns encontradas nessa campina são: socó, garças, papagaio, arara, cujubim, além da lontra, ariranha, que é grande e come todo tipo de peixe.

LAGOS IDENTIFICADOS

Número	Nome
1	Lago da Cachoeira
2	Lago do Apuí
3	Lago da Melancia
4	Lago do Girau
5	Lago dos Piaus
6	Lago dos Peruanos
7	Lago dos Alencar
8	Lago da Cumarurana
9	Lago da Seringueira
10	Lago do Belém
11	Lago do Patoá
12	Lago das Mocinhas
13	Lago Dois Irmãos
14	Lago Raimundo de Luna
15	Lago do Buriti I
16	Lago do Buriti II
17	Lago do Buriti III
18	Lago dos Peruanos

COMUNIDADES E CASAS OCUPADAS POR NÃO-ÍNDIOS

Comunidade Boa Vista

Casa do Dal Luna de Oliveira
Evandro Sabino
Ireneu
Mundoca
Lurdes
Zé Maria (Bibom)
Bibi
Pita e Marizô
Acrísio Sabino
Ozano Sabino

Comunidade Foz do Machadinho

Casa do José Cassiano
Vagner Cassiano (filho de José Cassiano)
Manoel Cavalcante (Cabeleira)
Donizete Cavalcante
(filho de Manoel Cavalcante)
Aloísio Paron
Sebastião Garcia

16 famílias de moradores não-índios da Reserva ocupam a terra indígena proposta

TERRA INDÍGENA KUNTANAWA DO ALTO RIO TEJO

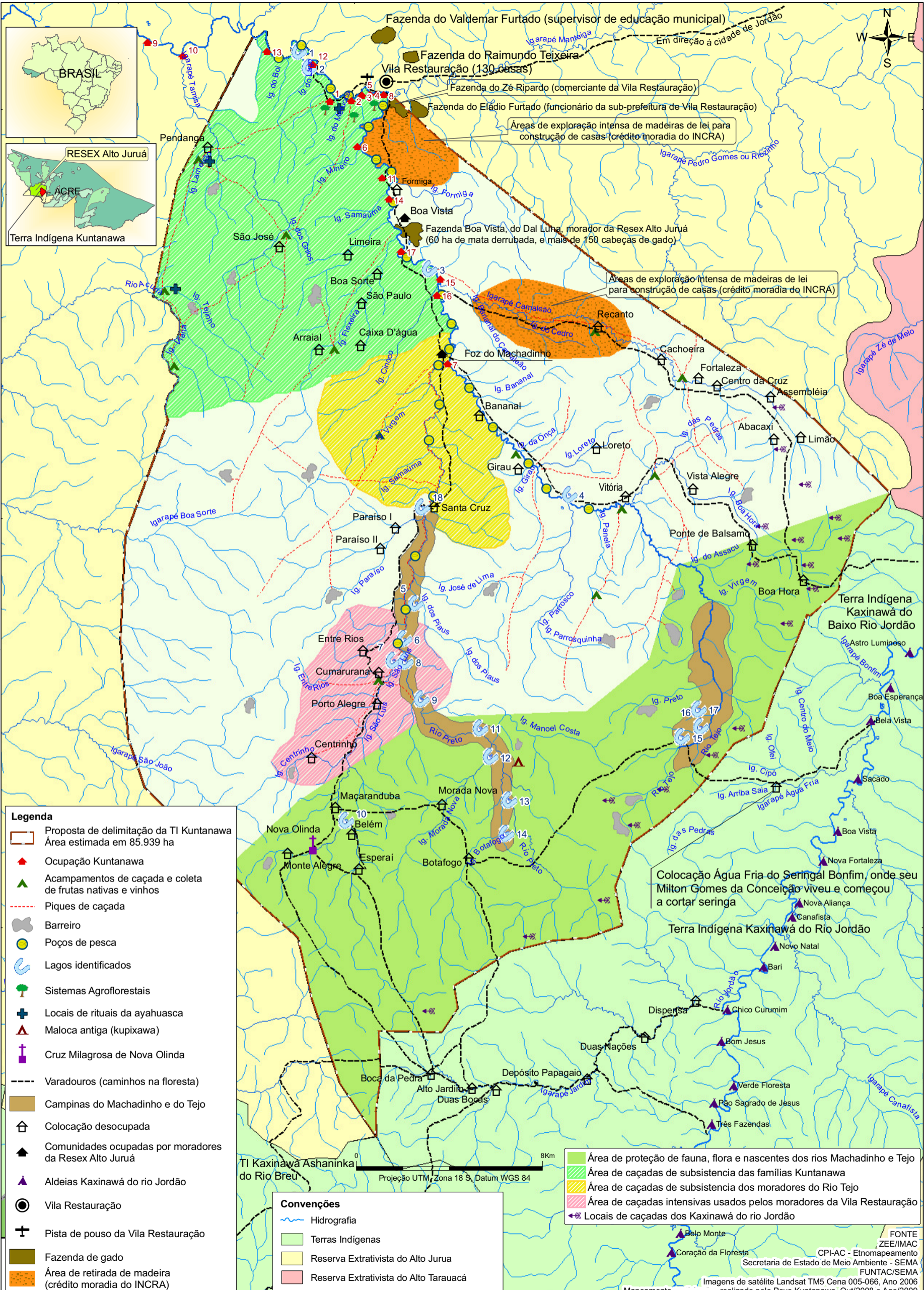
Proposta de delimitação e áreas de uso de recursos naturais

72°21'0"W

72°15'30"W

72°10'0"W

72°4'30"W



- Legenda**
- Proposta de delimitação da TI Kuntanawa
Área estimada em 85.939 ha
 - ▲ Ocupação Kuntanawa
 - ▲ Acampamentos de caçada e coleta de frutas nativas e vinhos
 - - - Piques de caçada
 - Barreiro
 - Poços de pesca
 - Lagos identificados
 - Sistemas Agroflorestais
 - + Locais de rituais da ayahuasca
 - ▲ Maloca antiga (kupixawa)
 - + Cruz Milagrosa de Nova Olinda
 - - - Varadouros (caminhos na floresta)
 - Campinas do Machadinho e do Tejo
 - Colocação desocupada
 - ▲ Comunidades ocupadas por moradores da Resex Alto Juruá
 - ▲ Aldeias Kaxinawá do rio Jordão
 - Vila Restauração
 - + Pista de pouso da Vila Restauração
 - Fazenda de gado
 - Área de retirada de madeira (crédito moradia do INCRA)
- Convenções**
- ~ Hidrografia
 - Terras Indígenas
 - Reserva Extrativista do Alto Juruá
 - Reserva Extrativista do Alto Tarauacá

Área de proteção de fauna, flora e nascentes dos rios Machadinho e Tejo

Área de caçadas de subsistencia das famílias Kuntanawa

Área de caçadas de subsistencia dos moradores do Rio Tejo

Área de caçadas intensivas usados pelos moradores da Vila Restauração

Locais de caçadas dos Kaxinawá do rio Jordão

Colocação Água Fria do Seringal Bonfim, onde seu Milton Gomes da Conceição viveu e começou a cortar seringa

Terra Indígena Kaxinawá do Baixo Rio Jordão

Terra Indígena Kaxinawá do Rio Jordão

Projeção UTM, Zona 18 S, Datum WGS 84

8Km

FONTE: ZEE/IMAC, CPI-AC - Etnomapeamento, Secretaria de Estado de Meio Ambiente - SEMA, FUNTAC/SEMA

Mapeamento: Imagens de satélite Landsat TM5 Cena 005-066, Ano 2006 realizado pelo Povo Kuntanawa, Out/2008 e Ago/2009

porque assim não teria vaga pra índio na escola". Fiquei muito triste com isso. Fiquei com raiva, ainda quis ir à escola dela, mas depois me corrigi e disse: "não vou, não!". Passado uns 15 dias, chegou outra neta chorando também lá em casa. Aí já fiquei pensando que devia ser pelo mesmo motivo de discriminação e preconceito contra os índios. Perguntei pra ela: – "O que foi que houve minha filha?" Ela, respondeu: – "O meu professor disse que os cariús deviam ter acabados com todos caboclos brabos, porque índio é que nem queixada, por onde passa acaba tudo. E se aqui não tivesse mais caboclo a gente não precisava dar aulas pra eles".

Esses preconceitos todos me feriram muito. E acabaram me levando à cidade de Cruzeiro do Sul, mais a minha velha, para procurar nossos direitos. Por isso, estamos lutando até hoje para ser reconhecidos como índios. E também para tirar uma área indígena para o povo Kuntanawa. Para que, na nossa terra, a gente não possa ser discriminado como índio. Fomos massacrados no tempo das correrias. Fomos escravizados pelos patrões de seringais. Meu pai, que era um índio Neanawa, também foi pego numa correria organizada por patrões e seringueiros brancos, pelos cariús, como se diz. Tenho ou não tenho razão de procurar meu direito como índio? Temos ou não temos direito de ter uma área indígena pra preservá-la, mesmo que seja dentro da área da Reserva? **Seu Milton Gomes da Conceição, 83 anos, cacique Kuntanawa, da aldeia Sete Estrelas no Alto Rio Tejo**

A gota d'água mesmo foi a discriminação que minhas netas sofreram lá na escola da Restauração. Depois fomos procurar o CIMI em Cruzeiro do Sul e o casal que dirigia o CIMI, o Lindomar e a Rose, deram essa força pra gente hoje se afirmar como índio. Não aceitamos mais ser discriminados como "caboclos dos Milton", como no tempo da seringa. O apoio do CIMI não foi em dinheiro nem mercadoria. Mas foi importante para que partes de nossas famílias se assumissem como Kuntanawa. Além do mais, só os índios têm seus direitos garantidos pelas leis

brasileiras. **Seu Milton Gomes da Conceição, 73 anos, cacique Kuntanawa**

Somos uma família pioneira na luta pela criação da Reserva Extrativista do Alto Juruá. Desde a primeira reunião em 1988, ano da morte de Chico Mendes, estivemos a frente da luta pelo reconhecimento dessa Reserva, junto com o povo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cruzeiro do Sul, com a pessoa do txai Macedo, do Chico Ginu e do seu Mauro Almeida [antropólogo e professor da Unicamp]. Poucas pessoas sabiam dos nossos direitos como índios, porque vivemos muito tempo no cativeiro dos patrões de seringais. A gente sabia disso, o txai Macedo sabia, o seu Mauro sabia e também sabia o Chico Ginu [delegado sindical que liderou mobilizações pela criação da Reserva]. A nossa participação foi muito importante na criação dessa

Osmildo, Agente Agroflorestal Indígena, a frente de iniciativas de implantação de sistemas agroflorestais na Terra Indígena



MARIANA PANTOJA

Reserva. Ela é resultado da união dos povos da floresta, na época se falava na “Aliança dos Povos da Floresta”. Foi um momento de alegria e felicidade a gente ter podido criar a nossa Cooperativa de borracha. Criamos nossa Associação em 1988 e a Reserva foi criada em 1990, com mais de 500 mil hectares. Saímos finalmente do cativeiro da dívida com patrões e marreteiros. Um movimento verdadeiro de libertação dos povos da floresta. Uma coisa que presenciava alegria no coração de cada um, tanto dos indígenas quanto dos seringueiros cariús, era saber que a Reserva ia ser uma área de preservação e de conservação das nossas matas, aonde a gente podia usufruir do extrativismo e viver com mais liberdade na floresta. **Osmildo Silva da Conceição, 47 anos, agente agroflorestal indígena / AAFI da aldeia Sete Estrela, no Alto Rio Tejo**

Nós levantamos a nossa bandeira ao se assumir como índios Kuntanawa. Foi uma decisão nossa. Não foi por influência de ninguém. Sou jovem, mas logo compreendi a luta do meu avô, Milton Neanawa, e de minha avó, Mariana Kuntanawa, para se reconhecer como índios e assegurar direitos sobre as terras ocupadas tradicionalmente por nossas famílias no Alto Rio Tejo. Desde quando coloquei o cocar pela primeira vez na minha cabeça, queria que ele fosse parar nas cabeças de todas as crianças, dos jovens e dos velhos. Até hoje gosto de ensinar meus primos a fazer o cocar, de dançar mariri nos terreiros de nossas casas, de cantar os hinos da ayahuasca, de fazer as nossas pinturas e o kene sagrado do povo do Kunta. Um dia desse eu chamei meu povo para o terreiro, para cantar e dançar mariri. Minha avó Mariana ficou olhando e, de repente, ela entrou no meio da roda e falou: – “Vocês estão dançando errado, a gente dança assim”. E começou a cantar e dançar do modo certo, que ninguém sabia que ela sabia. **José Flávio Haru Xinã, jovem liderança Kuntanawa, atual secretário da OPIRJ / Organização dos Povos Indígenas do Rio Juruá**

Terra Indígena Kuntanawa

A gente tem procurado se organizar e se unir para mostrar para as autoridades porque a gente tem direitos de ser reconhecido como índios e de assegurar uma terra própria para o nosso povo. Não só pra dizer que temos uma terra só pra nós, mas também para árvores, ervas medicinais e espirituais e todos os seres vivos da floresta. Uma terra que tenha um plano de gestão respeitado por todos, para ser trabalhada e preservada. Então, isso são coisas que a gente vem trabalhando em cima disso. E aproveitar a oportunidade para escrever essas coisas, deixar um registro mesmo de que forma o povo Kuntanawa quer trabalhar na terra indígena. E deixar como testemunho que essa grande família Kuntanawa tem esse dom de cuidar da natureza, de preservar os animais silvestres também e respeitar a diversidade dos seres vivos que habitam na floresta. **Osmildo Silva da Conceição, AAFI da aldeia Sete Estrelas**

Como agroflorestal indígena, tenho procurado conscientizar nosso povo para trabalhar de acordo com as leis do nosso país, para preservar a floresta e seus recursos naturais. Apontando uma nova maneira de se relacionar entre si e com a natureza. Por isso, falamos de terra tradicionalmente ocupada, porque moramos lá há muito tempo e dela garantimos a nossa sobrevivência.



Cidoca, exímio caçador e pescador, o filho caçula de seu Milton e dona Mariana, junto com sua família durante a oficina

TXAI TERRI AQUINO



Kuntanawa de todas as gerações reunidos em defesa da criação de sua Terra Indígena



Tios, sobrinhos e primos: as gerações alimentam e compartilham entre si a cultura Kuntanawa

JOSÉ FLÁVIO HARU XINÁ

Queremos fazer o manejo dos recursos naturais de nossa floresta de forma sustentada e garantir a vigilância e fiscalização da terra indígena. Nossa terra também é destinada à reprodução dos animais da floresta, para os quais estamos reservando uma extensa área de refúgio de caças nas cabeceiras do Tejo e de seus afluentes. E também para monitorar e fazer vistorias, para ver como é que está, se está tendo reprodução de caça, se está chegando outra variedade de caça que não freqüentava mais aquela mata, se estão vindo novamente ali, para ter o registro do nosso trabalho de monitorar as matas da nossa terra. **Osmildo da Silva da Conceição, 47 anos**

Penso que devemos ter firmeza na luta pelo reconhecimento de nossa terra indígena, mas de uma maneira pacífica. Devemos ter clareza ao procurar os nossos direitos, mas sem guerra. Queremos viver em paz com todo mundo. Até porque só tem duas comunidades de moradores da Reserva dentro da terra que estamos reivindicando, num total de 16 famílias. **Seu Milton Gomes da Conceição**

De onde tiramos o nosso sustento? Toda esta área aqui a gente habita, e sempre tiramos daqui a nossa alimentação, desde roçados, áreas de caçadas, pescarias e extrativismo, até a água que a gente bebe e que nasce aqui mesmo nas cabeceiras do Tejo. Além das cabeceiras do rio Tejo, nossa terra inclui o paranã Machadinho, os igarapés Camaleão e Boa Hora e seus afluentes menores. Tem ainda muitos lagos, igapós e baixos alagados. Só vamos garantir essas águas se suas nascentes estiverem dentro da nossa terra. Se não, alguém pode vir aqui para contaminar as nascentes de nossas águas. Todo mundo sabe a erosão que acontece quando desmata a floresta das cabeceiras de um rio, de um paranã, de um igarapé, de um igapó ou de um lago. Esta é a justificativa do por que queremos a demarcação de nossa terra. **José Flávio Haru Xiná, numa reunião em Rio Branco, em janeiro de 2009**

Também quero dizer que estamos querendo ajudar o próprio IBAMA a tomar conta direitinho da Reserva. No começo o pessoal do IBAMA estava cismado com a nossa luta pelo reconhecimento de uma terra indígena dentro da Reserva. Até porque vamos preservar a floresta, a caça, o peixe e outros recursos da natureza. Agindo assim, nós estamos ajudando não só o próprio IBAMA, mas todos os moradores da Reserva. Porque nós vamos deixar uma área de refúgio para as caças, para os peixes e outros recursos da natureza nas cabeceiras do rio Tejo, do paranã Machadinho e dos igarapés Camaleão e Boa Hora, porque por aqui temos muito lugar pra caçar, pescar e procurar. A gente também pode fazer açude, criar animais domésticos e plantar muita banana, macaxeira, milho e muitas frutíferas. Eu já estou velho e cansado, mas ainda planto muito. Isso é que eu quero que a gente produza, para que não esteja pedindo aos outros nem nada.

Para que meus filhos e netos, que estão aqui me ouvindo, procurem trabalhar para que haja sempre fartura e abundância nas nossas casas. E acima de tudo preservando a natureza. Nossa terra, se Deus quiser, vai ser demarcada daqui a pouco tempo para o nosso povo. **Seu Milton Gomes da Conceição, 73 anos, cacique Kuntanawa**

Ayahuasca

A ayahuasca é um grande professor nosso. A minha sogra Regina contava que o meu povo Neanawa, quando ia fazer uma viagem longe, assim como daqui do Tejo para o Jordão, tomava ayahuasca para saber se aquela viagem não tinha atrapalho. E se tivesse atrapalho, não ia. Eu pelo menos, quando vou fazer uma viagem, eu tomo minha ayahuasca para ver como é que eu posso fazer, como é que eu posso trabalhar, como é que eu posso ver as coisas mais fáceis. Como já falei para você, Txai, a ayahuasca é um professor forte mesmo. É uma coisa que eu tenho dentro de mim e eu consagro o saber dela. E a pessoa que consagra ela, que nem eu, eu conheço e sei o que estou dizendo. Meus filhos e meus netos estão resgatando a nossa cultura indígena dentro da própria ayahuasca. **Seu Milton Gomes da Conceição, 73 anos, cacique Kuntanawa**

Quando vou tomar a ayahuasca, pra mim é a maior festa que existe na Terra. Pelo menos pros índios e pra mim é a festa do cipó. É uma coisa que a gente toma com a família. Não se ver ninguém procurando briga um com outro. Só harmonia. E dali começa aquela vontade da gente viver mais dentro da mata, dentro da floresta. Aprender como é que é. O cipó é uma bebida que dá muito ensinamento pra gente. **Damião Nascimento Leitão, 53 anos, filho mais velho do seu Milton e dona Mariana, ex-seringueiro do seringal Restauração, no Alto Rio Tejo**



MARIANA PANTOJA

Em janeiro de 2009, em Rio Branco, o mapa da Terra Indígena foi trabalhado também por uma comitiva Kuntanawa que não havia participado da oficina de outubro de 2008



MARIANA PANTOJA

Kuntanawa têm participado de atividades agroflorestais do Centro Yorenka Antame, coordenado pela Associação APIWTXA, na sede do município de Marechal Thaumaturgo



ELIZANILDE ALVES

Durante a oficina de cartografia, em outubro de 2008, na aldeia Sete Estrelas, os Kuntanawa estudam seu futuro território

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Série: Movimentos Sociais, Identidade

Coletiva e Conflitos

- 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí
- 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim
- 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins
- 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense
- 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará
- 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz
- 7 Quilombolas da ilha de Marajó
- 8 Quilombolas do Maranhão
- 9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos
- 10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara
- 11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia
- 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro
- 13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã
- 14 Quebradeiras de Coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo
- 15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas
- 16 Ribeirinhos da região do Zé Açú, Amazonas
- 17 Piaçabeiros do Rio Aracá Barcelos, Amazonas
- 18 Mulheres Artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos, Amazonas
- 19 Quilombolas de Coelho Neto, Maranhão
- 20 Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru, Amazonas
- 21 Movimento das Peconheiras e Peconheiros da ilha de Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará
- 22 Ribeirinhos e Agricultores do Lago do Cururu – Manacapuru, Amazonas
- 23 Movimentos Ribeirinhos e Indígenas em defesa dos lagos e da vida do setor 01 Caité – Tonantins, Amazonas
- 24 Povos do Aproaga – São Domingos do Capim
- 25 Luta dos quilombolas pelo título definitivo – Oficinas de Consulta
- 26 Trabalhadores agroextrativistas da reserva extrativista de Ciriaco – Realidades e desafios
- 27 A luta das quebradeiras de coco babaçu contra o carvão do coco inteiro – Bico do Papagaio
- 28 Mulheres quebradeiras na defesa do babaçu contras as carvoarias – Médio Mearim, Maranhão
- 29 Uso de recursos naturais em comunidades quilombolas de Santarém – Pará
- 30 Ribeirinhos e Ribeirinhas de Abaetetuba e sua diversidade cultural – Pará
- 31 Kuntanawa do Alto Rio Tejo – Alto Juruá, Acre

REALIZAÇÃO

Kuntanawa do Alto Rio Tejo
Aldeia Sete Estrelas

APOIO

